



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. VII (2006)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

A história do comportamento animal aplicado aos mamíferos marinhos: da época medieval ao século XVIII

Cristina Brito 

Como Citar | How to Cite

Brito, Cristina. 2006. «A história do comportamento animal aplicado aos mamíferos marinhos: da época medieval ao século XVIII». *Anais de História de Além-Mar* VII: 41-53.
<https://doi.org/10.57759/aham2006.37718>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2006. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2006. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

A HISTÓRIA DO COMPORTAMENTO ANIMAL APLICADO AOS MAMÍFEROS MARINHOS: DA ÉPOCA MEDIEVAL AO SÉCULO XVIII

por
CRISTINA BRITO *

Introdução à história do comportamento animal

Hoje em dia, para se conhecer uma determinada área de estudo torna-se necessário compreender um pouco da sua história. A etologia enquanto ciência não é exceção, por isso se justifica esta breve abordagem à história do comportamento animal, em particular à evolução desta ciência aplicada aos mamíferos marinhos.

Em termos gerais, é difícil, senão mesmo impossível, apontar o momento preciso em que teve início o estudo do comportamento animal. Por este motivo ao analisar a sua progressão no tempo, os investigadores têm-se limitado ao aparecimento de alguns conceitos chave nesta área e têm-se dedicado apenas a alguns aspectos históricos relevantes para o desenvolvimento da disciplina.

Tipicamente, uma abordagem a este tema começa pela referência às primeiras ideias relativas à mente e às emoções animais. Embora o conceito de continuidade intelectual nos animais tenha sido sintetizado em 1855 por Herbert Spencer no seu livro «*Principles of Psychology*», as suas raízes perdem-se no tempo até ao pensamento clássico dos antigos filósofos gregos. De seguida, é inevitável a referência à descrição da estrutura conceptual para o estudo do comportamento dada pela teoria da evolução de Charles Darwin. As publicações de Darwin sobre a evolução das espécies através da selecção natural surgiram pouco tempo depois das de Spencer, mais precisamente em 1859 na «*Origin of Species*». Em dois livros posteriores, «*The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*» (1871) e «*Expression of the Emotions*

* Investigadora do Centro de História de Além-Mar. Bolseira de Doutoramento da FCT.

in Man and Animals» (1873), Darwin aplicou a sua teoria evolutiva ao comportamento animal. Para uma revisão geral sobre a história do comportamento animal pode consultar-se a obra de Goodenough *et al.* (1993,11-48), onde os autores ainda se alargam sobre o tema explorando todo o século XX. Para a nossa discussão resta-nos referenciar que a etologia enquanto disciplina surgiu no início do século XX, com a diferenciação de opiniões entre investigadores e a sua separação da psicologia comparativa. Os etólogos, dedicados a esta nova ciência, focam-se principalmente na função e evolução de um determinado comportamento, estudando-os muitas vezes no campo, i.e., no meio onde ocorrem naturalmente.

A finalidade desta pesquisa é o progresso temporal do estudo do comportamento dos mamíferos marinhos (genericamente, baleias, golfinhos e focas) e a sua ocorrência histórica, desde o século XIV ao XVIII, nos relatos das viagens pelo Atlântico. Para tal, procurei fontes históricas que referenciam aspectos do comportamento destes grandes animais marinhos, tendo encontrado descrições que evidenciam os primórdios da ciência etológica. No entanto, é importante salientar que os narradores dessa época não pretendiam fazer descrições zoológicas dos comportamentos, uma vez que o pensamento da época nem sequer considerava a existência destes mesmos comportamentos nos animais, mas antes referiam pormenores relevantes para descrever uma determinada situação. Assim, viajar no tempo para encontrar os relatos dos primeiros encontros e observações, para descobrir as descrições empíricas de navegadores, pilotos, viajantes, exploradores e naturalistas, e destrinçar os comportamentos naturais dos mamíferos marinhos, são os objectivos deste trabalho.

Darwin, nos seus dois volumes do final do século XIX atrás referidos, relatou cuidadas observações sobre o comportamento animal, as quais foram consideradas anedóticas e muitas vezes antropomórficas. O que dizer então das descrições de comportamentos animais no meio natural do período das descobertas portuguesas, embora sem nenhum cunho ou pretensão científica, senão que eram seguramente anedóticas e altamente antropomórficas. Ainda assim, é nestes relatos dos séculos XV e XVI, cujos exemplos vamos abordar de seguida, que surgem as primeiras descrições de comportamento de mamíferos marinhos depois do obscurantismo da Idade Média.

Da Idade Média ao Renascimento

Na época medieval existia uma imagem do mundo cuja correspondência à realidade era quase nula, i.e., o conhecimento ou os conceitos que as pessoas tinham sobre o mundo eram muito pouco reais. Num período de pouca divulgação cultural ou científica, o povo gostava de imaginar monstros e coisas maravilhosas, bem como uma série de criaturas fabulosas, a viver nos oceanos. Os estudiosos da época medieval consideravam que a

Terra e o Mar eram dois mundos paralelos, pelo que os animais e certas criaturas terrestres deveriam ter os seus correspondentes a viver no mar. Por este motivo, muitos dos nomes atribuídos a animais marinhos nunca antes vistos tinham a sua origem nos nomes dos respectivos «equivalentes» animais terrestres. A título de exemplo temos o cavalo-, lobo-, leão-, unicórnio-, entre muitos outros (Cazeils, 1998, 68). Nesta altura surgem então numerosas descrições com base em analogias com os animais ou plantas, e com locais ou geografias que já se conheciam pois, muitas vezes, para as novidades encontradas nem sequer existia um conceito. É típico o caso do hipopótamo, denominado na altura por cavalo-marinho, porque de alguma forma este animal desconhecido no mundo europeu foi considerado como sendo parecido com o cavalo terrestre (Brito, 2005, 14-19).

Embora nem sempre de uma forma contínua, a partir do século XV começa a haver uma acumulação significativa de conhecimentos sobre o mundo. Entre 1480 e 1520 dá-se uma verdadeira revolução epistemológica, pois o conhecimento recém-adquirido começa a ser integrado na sociedade e a visão do mundo começa a ganhar uma nova forma. Os Descobrimentos portugueses permitiram diminuir o medo e o desconhecimento relativamente ao que se sabia sobre o oceano, e os seres vivos que nele habitam tornam-se cada vez menos misteriosos. Foi, portanto, com o início da expansão portuguesa que começaram a surgir as novidades sobre o mundo, especialmente sobre as novas culturas, sobre a flora e particularmente sobre a fauna. Os relatos das experiências vividas e sentidas pelas próprias pessoas, presentes nos acontecimentos, trazem cada vez mais informação sobre o mundo real. Assim, cada vez é menor a influência da estrutura eclesiástica pré definida, a qual obrigava doutores e teólogos a ter sempre em consideração todo o conhecimento enciclopédico acumulado nos séculos anteriores. Os relatos das experiências marítimas conduziram então a informações cada vez mais correctas e, a partir do século XVI, ocorre uma passagem lenta do anterior conhecimento enciclopédico para o naturalismo renascentista. A partir desta altura, as classificações e descrições sobre os animais marinhos ganham muito mais importância e continuidade. No entanto, mesmo estudiosos objectivos continuavam a descrever os mamíferos marinhos misturando observações reais com aspectos resultantes da ciência da época, ou seja, com os conhecimentos mais fantasistas e medievais inscritos nos livros (Gannier e Gannier, 2005).

Relatos dos viajantes

Os primeiros encontros

O mareante, o viajante português, dá novos mundos ao mundo, pelo conhecimento que obteve nos novos locais e culturas descobertas e que transporta consigo ao regressar das suas viagens. Este conceito de homens

errantes e anunciadores de novos mundos está presente na literatura e cultura europeia em geral e não apenas na cultura portuguesa. Como salienta Lopes (2000, 233), ao regressarem de terras totalmente ignoradas, de mares desconhecidos, os nautas portugueses revelaram insólitas e surpreendentes novidades que extasiavam tanto Portugal como o resto da Europa. «*Eu vi com os meus próprios olhos*» é a expressão associada aos relatos verídicos baseados na experiência e nas observações próprias. Surge assim uma literatura de viagens portuguesa onde se relatam as explorações tanto por mar como por terra, onde se apresenta o que de novo e impressionante os seus autores viram e ouviram ao aportarem a novos locais (Lopes, 2000, 233). Estes textos são, portanto, o testemunho da surpresa, o relato do inédito, o depoimento entusiasmado ou apreensivo sobre as novas realidades naturais, geográficas e humanas.

No entanto, muitos foram os encontros de simples pescadores e marinhos costeiros com estes seres misteriosos, antes de os exploradores do Grande mar Oceano e, posteriormente, os naturalistas começarem a conhecer os animais marinhos e a inspirarem-se nos animais terrestres para lhes dar nome. Destas primeiras observações, rápidas e fugazes à superfície do oceano (ver Ilustração 1), surgiram lendas e mitos que alimentaram gerações e gerações de homens do mar. Na origem destas fábulas está, sem dúvida, o desconhecido, o medo, a fantasia e mesmo as alucinações. Mas também, certamente, a vontade de desencorajar aqueles que fossem tentados a seguir os primeiros marinhos da expansão pelos caminhos secretos do mar. Assim, embora inicialmente considerados estranhos, estes novos seres começaram, posteriormente e de uma forma lenta, a ser reconhecidos como verdadeiros animais marinhos e não como monstros imaginários (Brito, 2006).

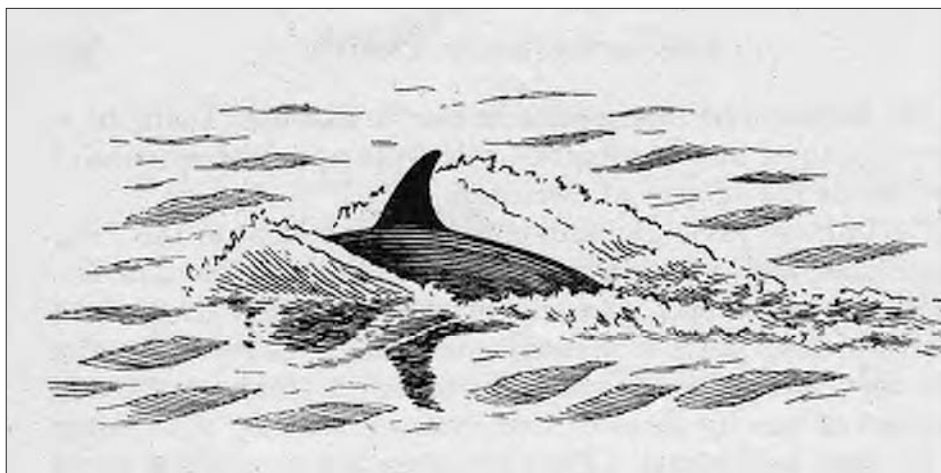


Ilustração 1 – Representação da barbatana dorsal de um golfinho quando este vem à superfície respirar (Imagem retirada do livro «*Field Book of Giant Fishes*» de Norman e Fraser, 1949). Em muitos casos, esta breve imagem pode ser a única que se obtém de um golfinho no meio selvagem.

Chegada à Madeira e aos Açores

Os arquipélagos da Madeira e dos Açores foram as primeiras ilhas atlânticas a serem descobertas pelos portugueses perto dos meados do século XV. Em simultâneo com as descobertas destas primeiras terras ocorreu a descoberta dos primeiros animais, neste caso dos grandes animais marinhos ainda desconhecidos no continente. João de Barros descreve da seguinte forma «como João Gonçalves e Tristão Vaz descobriram a ilha a que ora chamam de Madeira» em 1420 (Barros, 1936, 18):

«Ao tempo que João Gonçalves saiu em terra, era ela tam coberta de espesso e forte arvoredo, que não havia então lugar mais descoberto que uma grande lapa, ao modo de câmara abobadada que se fazia debaixo de uma terra soberba sobre o mar, o chão da qual lapa estava mui sovada dos lobos-marinhos que ali vinham retouçar, ao qual ele chamou Câmara de Lobos».

O mesmo autor descreve igualmente como este primeiro encontro deu início às capturas sistemáticas dos lobos-marinhos (hoje conhecidos no meio científico como focas-monge do Mediterrâneo) e à sua morte para obtenção de pele e gordura (Barros, 1936, 18): *«Aqui se meteram com os batéis, e não foi pequeno refresco e passatempo para a gente, porque mataram muitos deles, e tiveram na matança mui prazer e festa.»*

Gaspar Frutuoso, o primeiro cronista, historiador e naturalista insular, escreveu sobre o arquipélago dos Açores entre 1580 e 1590, e mais especificamente sobre a costa da ilha de Santa Maria, referindo-se também a estes mamíferos marinhos (Frutuoso, 2005, 34-35):

«Passada a ribeira, espaço de um tiro de besta, está uma pequena praia, tanto como um tiro de pedra de mão, que se chama a Praia dos Lobos, onde saem alguns lobos-marinhos a dormir em uma furna, que ali tem defronte.»

E adiante, continua referindo-se aos lobos-marinhos (Frutuoso, 2005, 34-35):

«De uma furna que está na rocha, ao longo do mar, direito destas Lagoinhas, viram uns pescadores desta ilha de São Miguel, andando lá pescando, sair catorze lobos-marinhos que estavam ali como em malhada, e, porque os perseguíam e matavam naquele lugar, algumas vezes os viam, quando se queriam recolher à furna, alevantar as cabeças a ver se viam alguém que os desinquietasse e vigiar como gente de saber e entendimento.»

E noutra passagem ainda (Frutuoso, 2005, 4-5):

«E, às vezes, aos pescadores que viram o lobo-marinho na baixa e calheta do penedo alto, lhe saía sobre o mar neste baixo do Sueste o mesmo lobo, o qual conheciam por uma malha branca que trazia detrás de uma orelha, e bem o puderam arpoar, por vezes, se quiseram, o que não faziam com medo da baixa, por não perigar nela.»

Como se pode observar nos textos de Gaspar Frutuoso, este refere não apenas a ocorrência dos lobos-marinhos em determinados locais no arquipélago dos Açores, como também descreve pormenores relativos à sua anatomia e ao seu comportamento. O autor descreve um animal com uma coloração conspícua que o permitia identificar e distinguir dos outros lobos-marinhos e, sem o saber, está a descrever de uma forma empírica uma técnica actualmente utilizada no estudo e identificação individual de mamíferos marinhos no meio selvagem. Na verdade, a técnica de foto-identificação baseia-se na utilização de marcas naturais dos animais e no seu estudo através da análise de fotografias, e utiliza-se tanto em focas, como em baleias e golfinhos. Em termos comportamentais, o autor descreve o comportamento de repouso desta espécie, em que os indivíduos procuram zonas protegidas no meio terrestre, mais precisamente em praias arenosas ou grutas, para dormir e descansar. Para além disso, refere um comportamento igualmente típico da espécie que consiste em espreitar com a cabeça fora da água para observar o seu meio envolvente.

As primeiras viagens pelo Atlântico

Na «*Segunda viagem de Paulo Dias Novais de Garcia Simões para o provincial, de São Paulo de Luanda, a vinte de Outubro de 1575*», encontram-se algumas passagens que referem encontros com mamíferos marinhos, as quais nos permitem identificar espécies e comportamentos de golfinhos no meio selvagem (Anónimo, 1989, 94):

«Ao primeiro de Fevereiro pusemo-nos na altura do rio de Congo, sete graus da linha para cá. (...) **Neste dia se chegou ao galeão um peixe**, andando algum tempo ao redor dele, o qual não mostrava outra coisa senão **uma bandeira preta como grande asa de pavão direita a cima**. E, correndo a gente do mar a ver esta novidade, espantou-se e nunca mais apareceu.»

Esta descrição permite-nos identificar, sem grande dúvida, a espécie de golfinhos que foi observada. Trata-se de uma orca (*Orcinus orca*) que é a maior das espécies do grupo dos delfínídeos, mais precisamente de um macho pois estes possuem uma grande barbatana dorsal preta em forma de estandarte a qual os distingue claramente das fêmeas.

Numa outra passagem pode ler-se (Anónimo, 1989, 93-94):

«Aos dezassete de Janeiro tivemos vista da ilha de Ano Bom, que está de Angola duzentas léguas e vinte e cinco de São Tomé. Depois da linha até aqui tomámos **muitos peixes grandes como toninhas, que são como porcos e outros semelhantes**.» «Mas não deixarei de contar uma coisa que nela aconteceu e foi muito maravilhosa e que até este dia não se tinha visto outra semelhante, que foi o mar festejar este alegre dia de Natal, louvando ao Senhor com o seu pescado, porque amanheceu o nosso galeão com as mais velas, cercadas ao redor com **tanta soma de peixes grossos sobre a água, que quase uma légua não se via outra coisa, e o que mais me espantava**

era que davam cambadelas como meninos com cabeça na água e todo o corpo em cima, outros dando grandes saltos para cima faziam grande estrondo no mar. Este espectáculo durou duas horas. »

Este trecho é bastante mais importante em termos comportamentais pois, embora apenas possamos dizer que se trata de um grupo oceânico de golfinhos sem identificar a espécie, podemos identificar claramente actividades comportamentais que estes animais apresentam em mar aberto (ver Ilustração 2). Deslocação rápida, saltos fora de água, batimentos da cabeça ou de outras partes do corpo na superfície da água, são comportamentos típicos de golfinhos-roazes, golfinhos-comuns, golfinhos-malhados ou outros quando se movimentam de um local para outro, quando procuram presas e se alimentam ou ainda quando interagem entre si. Para além disso, estes golfinhos muitas vezes acompanham as embarcações por longos períodos de tempo permitindo uma melhor observação das actividades que realizam.

A exploração do Brasil

Pêro de Magalhães Gândavo na sua «*História da Província de Santa Cruz*» quando se refere ao «*monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente no anno de 1564*», relata (Gândavo, 1980, 119-120):

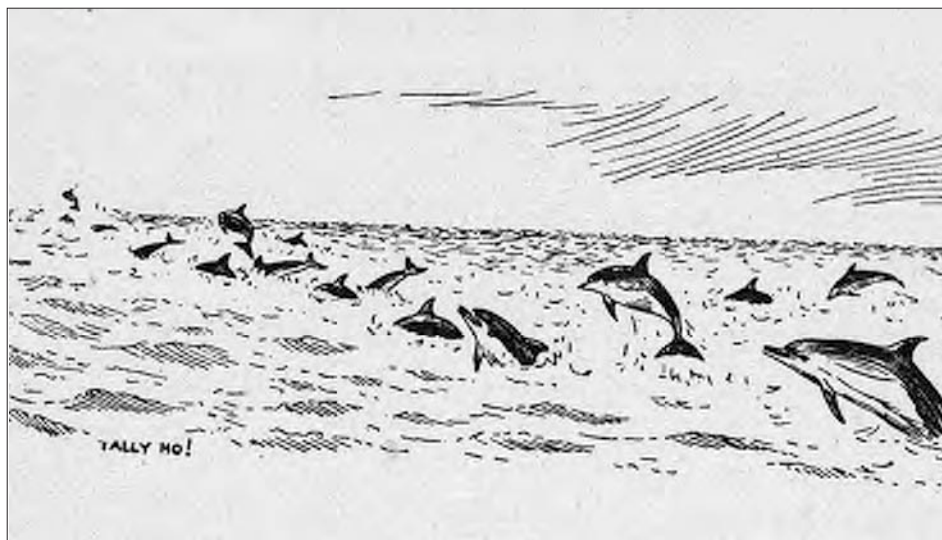


Ilustração 2 – Representação de um grupo de golfinhos, em mar aberto, a realizar a actividade comportamental de deslocação rápida (Imagem retirada do livro «*Field Book of Giant Fishes*» de Norman e Fraser, 1949). Este comportamento é bastante típico dos pequenos cetáceos, tendo por isso um termo próprio que o designa na literatura científica: *porpoising*.

«Pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou, viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir e **o monstro ser também coisa não vista, e fora do parecer de todos os animais**. E chegando-se um pouco mais a ela para que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o que em levantando a cabeça, tanto que o viu, começou de caminhar para o mar donde viera. (...) E vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, **levantou-se direito para cima como um homem, fincado sobre as barbatanas do rabo** e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga. (...) O retrato deste monstro, é este que no fim do presente capítulo se mostra, tirado do natural. **Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muito grandes como bigodes**. Os índios da terra lhe chamam em sua língua Hipupiára, que quer dizer demónio da água. Alguns como este se viram já nestas partes: mas acham-se raramente.»

Neste caso, e com os conhecimentos biológicos actuais, podemos dizer que o animal descrito neste relato seria o leão-marinho sul americano (*Otaria bironia*) ou lobo-marinho sul americano (*Arctocephalus australis*). Esta constatação corrobora o já observado por Almaça (2002, 105) que refere que a «hipupiára» ou demónio-d'água de Gândavo seria provavelmente uma otária. Mais, a descrição histórica indica-nos que este «monstro marinho» conseguia deslocar-se em terra, podendo ainda erguer-se com facilidade na vertical sobre os seus membros posteriores, o que são características comportamentais típicas destes animais quando pretendem observar melhor o seu meio ou quando estão assustados.

Igualmente explorador das terras do Brasil, Jean de Léry em 1578 escreveu em «Viagem à Terra do Brasil», referindo-se a golfinhos e aos diversos sons que estes emitem para comunicar entre si quando se encontram em grupos numerosos (Léry, 1980, 70):

«E quando o mar se agita surgem esses golfinhos repentinamente à tona d'água, mesmo à noite e tornam o Oceano quase verde. **É um prazer ouvi-los roncar e fungar como porcos**; mas quando os marinheiros os vêem assim nadar e atormentar-se pressagiam próxima tempestade o que de facto muitas vezes vi acontecer. Por mar calmo reuniam-se não raro em tão grande número em torno de nós e até onde alcançava a vista parecia o mar coalhado de golfinhos (...)»

E continua do seguinte modo (Léry, 1980, 70):

«Como no ventre de alguns desses peixes acharam-se filhotes, que assamos como leitão, creio que os golfinhos geram fetos como as porcas e não os reproduzem por meio de ovos como quase todos os outros peixes. Entretanto se alguém duvidar do que afirmo, louvando-se antes nos livros do que naqueles que viram a experiência, não o refutarei mas tampouco deixarei de acreditar no que vi.»

Aqui surge pela primeira vez, como resultado da época dos Descobrimentos e do conhecimento que desta adveio, a distinção entre peixes e

mamíferos marinhos. Este explorador já considera, porque assim o observou, que os golfinhos são como as porcas no que diz respeito à sua forma de reprodução, ou seja, são mamíferos e não peixes. Até hoje pensava-se que esta distinção apenas teria surgido muito mais tarde, no século XVIII como veremos adiante, mas Léry já tinha feito e publicado esta mesma constatação como resultado das suas observações em pleno século XVI.

De monstros a mamíferos marinhos: a evolução da ciência

As publicações escritas da época dos Descobrimentos eram muitas vezes acompanhadas por imagens e mapas, pois os autores sentiam a necessidade de visualizar para o leitor a imagem da nova realidade. Muitas destas imagens resultam do que os autores já tinham lido ou já conheciam anteriormente, ou das descrições indirectas de outras pessoas. Assim, recorre-se a uma linguagem visual já existente misturando-a com as novas representações gráficas e, deste modo, surge uma nova iconografia. Por exemplo, surgem monstros marinhos que são, na verdade, mamíferos marinhos em imagens com conotações religiosas, como por exemplo numa representação do Milagre de S. Brandão em que uma missa está a ser celebrada no dorso de um monstro marinho que na realidade é uma baleia. Surgem igualmente em pinturas, com intenções culturais e artísticas, bem como em grande parte da cartografia da época (Brito, 2006). É um excelente exemplo desta última situação, a folha dos monstros marinhos e terrestres na *Cosmographia* de 1550 de Sebastian Münster.

A iconografia utilizada nos mapas tem como função salientar a importância dos locais ou geografias representadas. Esta iconografia dos Descobrimentos permite a recepção da descoberta através da produção artística, pois começam a ser retratadas «as coisas maravilhosas e até agora nunca vistas». Na já referida folha dos monstros marinhos na *Cosmographia* surge uma repetição da iconografia medieval, por exemplo, na imagem da vaca marinha (ver Tabela 1). Os desenhos da fauna ganham nesta altura especial importância mas depois da primeira representação permanecem, durante muito tempo, praticamente inalterados. Novamente pegando na *Cosmographia*, as representações da vaca marinha, de uma baleia, e de um outro cetáceo a atacar um crustáceo serão mais tarde repetidas por Belon e Rondelet nos seus trabalhos sobre os animais marinhos (ver Tabela 2). Apenas muito mais tarde, na «*História natural de Lacépède, que com-preende os cetáceos, os quadrúpedes ovíparos, as serpentes e os peixes*», começam a surgir alterações significativas nos conceitos, tanto nas descrições como nas ilustrações, relativamente ao aspecto exterior e morfologia destes animais, bem como ao seu habitat.

É só no século XVIII que, na décima edição do seu *Systema naturae* (1735-1766), Lineu distingue as baleias dos peixes, considerando as seguintes

(a) Representação de uma vaca-marinha na iconografia medieval	
(b) Representação de uma vaca-marinha na <i>Cosmographia</i> de Munster	
(c) Representação de uma vaca-marinha no tratado <i>De Aquatilibus</i>	

Tabela 1 – Ilustração de uma vaca-marinha retirada da folha de monstros marinhos e terrestres da *Cosmographia* de Münster (b). Comparação com a iconografia medieval (a) e posterior repetição da mesma ilustração (c).

	<i>Cosmographia</i>	<i>Aquatilibus</i>
(a) Representação de uma baleia		
(b) Representação de um cetáceo		

Tabela 2 – Ilustrações retiradas da folha de monstros marinhos e terrestres da *Cosmographia* e repetições posteriores na obra *De Aquatilibus*: uma baleia (a) observando a respiração à superfície através do duplo espiráculo e um cetáceo (b) não identificado possivelmente numa situação alimentar.

características: coração, quente e binocular; respiração por pulmões; pálpebras móveis e orelhas cavadas; pênis interior nos machos; mamas nas fêmeas. A partir desta data, as baleias e golfinhos passam definitivamente a ser considerados mamíferos na ciência zoológica, embora no senso comum continuem a ser chamados, quase até à actualidade, por peixes grandes. Um exemplo deste paradoxo na classificação das baleias e golfinhos é o livro «*Field Book of Giant Fishes*» de J.R. Norman e F.C. Fraser. Este livro de campo dos grandes peixes publicado em 1949 inclui dois capítulos distintos, os peixes e os cetáceos (pois faz a separação entre os peixes e estes mamíferos marinhos), mas não deixa de os juntar sob o mesmo título comum, altamente redutor e, sem sombra de dúvida, errado. Apesar desta contradição, os autores explicam a diferença entre os peixes e os cetáceos, enfatizando que estes últimos são mamíferos, e descreve com suficiente conhecimento inúmeros dos seus comportamentos naturais, desde a socialização e o acasalamento, as suas deslocações, vindas à superfície para respirar e mergulhos (por exemplo, Norman e Fraser, 1949, 263), até à captura de presas e diversas técnicas alimentares (ver Ilustração 3).

Fazendo uma abordagem final à evolução da ciência do estudo dos mamíferos marinhos e dos seus comportamentos naturais é de voltar a

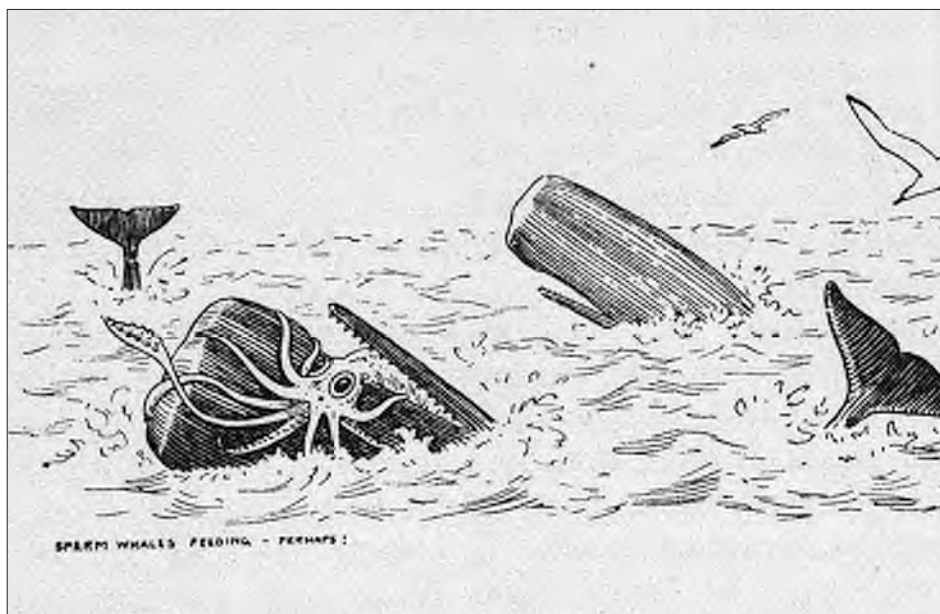


Ilustração 3 – Representação de um cachalote a alimentar-se de um polvo à superfície do mar (Imagem retirada do livro «*Field Book of Giant Fishes*» de Norman e Fraser, 1949). Normalmente em estudos de cetáceos no meio selvagem a presença de gaivotas junto a um grupo é sinal da ocorrência de um comportamento alimentar, tal como também está representado nesta imagem.

referir que, embora inicialmente considerados estranhos, estes novos seres começaram, a partir da época dos Descobrimentos atlânticos portugueses, a ser reconhecidos como animais marinhos e não como monstros (Brito, 2006). Apesar disso, as primeiras descrições e representações das suas características foram bastante incorrectas. Ocorreu, portanto, uma passagem lenta e bastante gradual do conhecimento enciclopédico da época medieval para as primeiras observações no meio natural, as quais não tinham quaisquer pretensões científicas surgindo apenas como reforço de uma descrição de um determinado local ou acontecimento significativo. Referências e citações a autores portugueses surgem, não apenas nas obras de índole geográfica, mas também noutras áreas do saber como a história, a teologia, a linguística a botânica e a zoologia. Nesta última área, onde podemos incluir os comportamentos dos animais no seu meio natural, a literatura portuguesa de viagens fornece o suporte documental básico para a fundamentação científica. As histórias dos nautas portugueses, ou de outros que passaram pelos locais descobertos pelos portugueses, adquirem um lugar de destaque no debate cultural, pois, como espelho das experiências autênticas, elas erguem a voz da verdade. Nos finais do século XVII trilharam-se os primeiros passos de uma ciência empírica e classificatória, aberta tanto à tradição do passado, como às influências do presente (Lopes, 2000, 239-240). É nesta altura que surge então o Naturalismo, o qual ainda era incipiente no decorrer dos Descobrimentos mas que, no século XVIII, se tornou uma actividade já considerada como uma disciplina própria do estudo do meio natural. Posteriormente, no final do século XIX, surgiu a etologia, a ciência que se dedica ao estudo do comportamento animal. Durante todo o século XX deu-se um grande salto no conhecimento científico adquirido sobre os mamíferos marinhos, bem como um importante desenvolvimento tecnológico das várias ciências que permitem o estudo aprofundado destes animais.

Ao longo da evolução desta ciência notou-se sempre uma certa interdisciplinaridade, a qual se manteve até aos nossos dias, e que tem permitido a obtenção do conhecimento científico de uma forma cada vez mais completa e rigorosa. Os relatos empíricos das primeiras observações naturais, as descrições naturalistas, o reconhecimento da existência de comportamentos animais, a etologia enquanto disciplina, a eco-etologia associada a outras ciências, a ecologia e etologia históricas e história ambiental, são os degraus percorridos no estudo do comportamento dos mamíferos marinhos desde o fim da idade média até à actualidade.

Referências bibliográficas

- ALMAÇA, C. (2002). Reino Animal. Episteme, n.º 15.
- ANÓNIMO (1989). *Angola no Século XVI*. Lisboa: Coleção Alfa, Biblioteca da Expansão Portuguesa, n.º 17.
- BARROS, J. (1936). *Ásia, Primeira Década, Livro Primeiro*. Quarta edição revista e prefaciada por António Baião conforme a edição princeps. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- BELON, P. (1553). *De Aquatilibus Libri duo cum [epsilon, iota] conibus ad viuam ipsorum effigiem, quoad eius fieri potuit, expressis. Ad amplissimum Cardinalem Castillonaeum*. Paris.
- BRITO, C. (2005). *Hippopotamus amphibius: Os Verdadeiros Cavalos-Marinheiros*. Magazine Animal, n.º 4.
- BRITO, C. (2006). *Monstra marina: Seres estranhos e desconhecidos nas viagens portuguesas de expansão e descoberta pelo oceano Atlântico*. In Essays on Atlantic Studies (EVANS, João; CRESPO, Óscar; KRISTENSEN, Bárbara, Eds.), Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, Rianxo: 85-97.
- CAZEILS, N. (1998). *Monstres Marins*. France: Éditions Ouest.
- FRUTUOSO, G. (2005). 1522-1591. *Saudades da Terra: Livro II, Capítulo Sétimo/Doutor Gaspar Frutuoso*; Nova edição, 2.^a tiragem – Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- GÂNDAVO, P. M. (1980). *Tratado da Terra do Brasil: História da provincia de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp.
- GANNIER, O. E. Gannier, A. (2005). *Sea monsters and cetaceans: slow emergence of science and persistence of imagination*. Abstract in the Proceedings of the 19th Conference of the European Cetacean Society, La Rochelle, France.
- GOODENOUGH, J., MCGUIRE, B. e WALLACE, R. (1993). *Perspectives on Animal Behavior*. John Wiley & Sons, Inc.
- LACÉPÈDE, M. C. de (1803). *Histoire naturelle de cetacées*. Paris: Plassan.
- LÉRY, J. de (1980). *Viagem à Terra do Brasil: História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp.
- LOPES, M.S. (2000). *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa*. Máthesis, n.º 9.
- MUNSTER, S. (1550). *Cosmographiae Universalis*. Basel: H. Petri.
- NORMAN, J. R e FRASER, F. C. (1949). *Field Book of Giant Fishes*. Nature Field Books, G. P. Putman's Sons: New York.
- RONDELET, G. (1554). *Libri di piscibus marinis, in quibus verae piscium effigies expressae sunt*. Paris.